

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)
ISSN: 2177-2886

Homenagem

Homenagem ao Professor Robson Olivino Paim

Homenaje al Profesor Robson Olivino Paim

Tribute to Teacher Robson Olivino Paim

Benhur Pinós da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil
Universidade Federal de Santa Maria - Brasil
benpinos@gmail.com

Carlos André Moreira Gayer

Secretaria Municipal de Educação de Bagé - Brasil
cazandreh@gmail.com

Diego Miranda Nunes

Universidade Federal de Santa Maria
diego_rgnunes@yahoo.com.br

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

Instituto Federal do Pará
wallace.pantoja@ifpa.edu.br

Como citar este artigo:

COSTA, Benhur Pinós da; MOREIRA, Carlos André Gayer; NUNES, Diego Miranda; PANTOJA, Wallace Wagner Rodrigues. Homenagem ao Professor Robson Olivino Paim. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 252 - 257, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Este Dossiê da "Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero" é dedicado ao professor Robson Olivino Paim, da Universidade Federal da Fronteira Sul, da cidade de Erechim/RS. O professor trabalhava a pesquisa em ensino e diferentes linguagens, assim como as políticas educacionais de currículo e formação de professores e com os processos pedagógico-curriculares relativos ao ensino de Geografia. O professor Robson foi encontrado sem vida, com marcas de estrangulamento, na sua casa, em 17 de abril de 2021, na cidade de Abelardo Luz/SC. O assassino cometeu mais duas mortes de homens gays no mês de maio do mesmo ano. Os crimes representam a horrível realidade vivida por homens gays (e demais pessoas LGBTQI+), no Brasil, que são interditados do pleno exercício de suas práticas afetivo-sexuais, mortos e violentados pelo oportunismo seguido de crueldade, causa da homo-LGBT-fobia. Segue, então, os textos dos editores do dossiê que fazem homenagem ao professor Robson.

E tem muita gente que não entende e/ou não quer entender as geografias das relações sociais de gênero e de sexualidades. Por que será isso? O que implica isso na relação entre ciência (geográfica) e vida cotidiana? Invisibilidade e, por consequência, danos humanos. Isso já falou inúmeras vezes Joseli Maria Silva, na sua luta para trazer à esfera visível da Geografia as experiências espaciais de pessoas subalternas à cisheteronormatividade. Não se falar de gênero e sexualidade na Geografia traz como consequência a ausência de espaços vividos e, intrinsecamente, o apagamento sobre a vida de vários humanos. Nós, geógrafos, pensamos sobre as consequências disso? Me parece que a neutralidade dos espaços como coisas sem as diferentes vidas humanas na Geografia já fora superada. Ou não? Creio que o marxismo, ao falar de cotidiano e desigualdades sociais, caminhou em direção à superação do espaço como coisa inerte ou como somente materialidades e ações de agentes sociais abstratos. A Geografia cultural renovada também foi além, nos mundos das consciências e das experiências espaciais singulares das pessoas e suas lugarizações. Mas, ainda nos deparamos com a pergunta: realmente gênero e sexualidade na Geografia importam? Importam! Eu não sei se vocês conseguem abstrair o fato terrível da morte do nosso colega Robson Paim. Eu creio que grande parte das pessoas que poderão entrar em contato com este Dossiê possam não conseguir ter uma noção da espacialidade desse caso de assassinato, porque, talvez, vivam outro espaço normativo em que tais experiências de vida e de morte não são suas realidades. Por outro lado, muitas outras pessoas vivem sim esses limiares de vida e morte, alegria e tristeza, típicos das experiências socioespaciais de pessoas LGBTQIAPN+, mas não conseguem, efetivamente, fundamentos de conhecimentos (geográficos) para tornar isso representação de uma condição social singular. Há de se aprender geografias feministas e dos gêneros e das sexualidades para reconhecer esses "espaços diferenciais" (para usar o conceito de Lefebvre tão bem trabalhado por Joseli Maria Silva). Havemos de nos reconhecer e reconhecer outros nesses espaços limiares. Então, há experiências espaciais específicas que fundam o ser e a vida das pessoas LGBTQIAPN+ como diferenças, e vice-

Benhur Pinós da Costa, Carlos André Gayer Moreira, Diego Miranda Nunes, Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

versa. O fato é que isso ainda é um problema para “o” existir. Porque, ao mesmo tempo em que se pode viver o gozo da vida, pode haver o limiar da espreita da morte. Porque ao mesmo tempo em que se pode ser e se reconhecer por suas vontades, pode-se padecer por elas. Acho que é difícil, para nós, reconhecer pela Geografia as intensidades das vivências do público e do privado, da casa e da rua, por aqueles/as que precisam, de alguma forma ou outra, “ser o que é o que não é e não é o que é”, para usar dos trocadilhos de Sartre (2007), como parecendo um existir sempre de “má-fé”. Os jogos de claro e escuro, o ter que mediar o entrar e o sair do armário, o perigo da extrapolação da transgressão, o limiar entre o ser, o não-ser e o nada, isso faz parte das experiências de vida em prazer, mas sempre em perigo. De repente, a experiência de sensível, de amor e prazer pode estar seguida e/ou acompanhada de violência e dor. A frustração de uma vida interdita é parte do reconhecer-se LGBTQIAPN+ e isso reconfigura totalmente o que sejam as experiências espaciais de quaisquer tipos. Podemos morrer assim. E morreremos. Mas continuamos firmando e nos reconhecendo pelo prazer e alegria de viver, mesmo que sempre em perigo. Eu não sei exatamente o que Robson passou naquele momento derradeiro, mas me reconheço transcendendo os limiares de algumas experiências vividas por mim, que, possivelmente, poderiam ter o mesmo destino. Ali e acolá outros tantos como eu estarão à beira da morte como esteve Robson, por simplesmente querer desfrutar de sua beleza, de seu sexo, do amor do contato humano e do prazer. Que lutemos na Geografia por Robson. Robson, presente!

Benhur Pinós da Costa

Começar a aprender a geografia pela textura da areia e da grama nos pés descalços, pelo frescor da brisa no rosto, pelo calor do sol em dias frios, pela água tocando nossos corpos onde somos natureza. Conhecer as primeiras relações de poder e socioespaciais a partir do cotidiano familiar e escolar, das expectativas daquelas pequenas criaturas acriançadas chamadas de meninos e meninas. Do que são permitidas ou não fazer, como devem ou não se comportar, quais lugares podem ou não acessar, como exercer ou não seus gêneros e sexualidades, com quem devem ou não se relacionar. Como é possível cuidar e pensar o mundo sem senti-lo? Como seria possível intervir sobre esse mundo sem refletir sobre essas (e outras) experiências?

Este é um Dossiê também sobre dar sentido a isso, o impacto do sentir sobre nossos corpos, cotidianos, pesquisas e geografias, pois quando a Geografia nos acompanha durante a vida (e nos acompanha, de fato, para além da escola e universidade), podemos fazer dela fonte de reflexão. Afinal, qual o propósito da educação e da ciência (pensando em currículo, pesquisas, metodologias, formação, identidade e prática docente), se não para vivermos melhor, social e ambientalmente? Assim, nós, pessoas LGBTQIAPN+, já adultas, muitas vezes, ao investigarmos nossas geografias ao longo do tempo, podemos perceber alguns lugares pela perspectiva da falta e não devemos jamais deixar de denunciá-la. A falta de apreço aos nossos corpos e trejeitos em casa, a falta de acolhimento na escola, a falta de ambientes amigáveis para

Benhur Pinós da Costa, Carlos André Gayer Moreira, Diego Miranda Nunes, Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

lazer, a falta de abertura para viver plenamente nossas identidades, a falta de mais referências e representatividade nas letras de músicas, nos poemas, nos livros, nos filmes, nos currículos, nas pesquisas científicas. E, quando muitas vezes, a rua durante o dia nos é negada, o que sobra é a noite, o quarto, por vezes, escuro, o canto (da sala, da rua, da família, da vida). Por isso, há uma fome de abraços, beijos, risadas e contos. Há uma sede, uma vontade que não cessa... De saber, de falar, de pesquisar, de viver. Vontade essa que foi arrancada de nosso querido e saudoso colega, professor Robson Paim, aqui reverenciado. Pois lhe foi tirada a possibilidade de saber, de pesquisar, de falar, de beijar, de abraçar, de rir e de respirar um pouco mais a vida. E se essa é a realidade que ainda se apresenta (pelo ódio às sexualidades e aos gêneros dissidentes da linearidade esperada socialmente) nós estamos e estaremos aqui para perturbar a monotonia dessas expectativas, pelo menos no que cabe à Geografia. E, mesmo quando alguns de nós se forem, outros estarão levantados para seguir esse caminho... tortuoso, escorregadio e pedregoso. Em busca de investigar, falar e de sentir, novamente, a textura da grama mais verde nos pés descalços, o frescor do beijo escancarado, o calor do abraço nos dias frios, pensando um mundo futuro, onde outras geografias não sejam mais roubadas de nossos corpos. Que, assim, as rupturas, fissuras e brechas feitas, por menores que sejam, permitam às sementes brotarem e darem um pouco mais de flor na paisagem do mundo de ontem, que clama por mais cor.

Carlos André Moreira Gayer

Primeiramente, abordo sentimentos, indo além das formalidades cartoriais, conforme ensina a autora Sandra Mara Corazza (2002). A partir desses sentimentos, sou impactado pelos diversos artigos e abordagens neste Dossiê. Enquanto escrevo esta apresentação, reflito sobre as inúmeras possibilidades exploradas pela ciência geográfica nos últimos anos. Seja através dos marcadores corporais, das espacialidades por eles produzidas, ou no contexto escolar. Cada artigo apresentado é único, mas também ressoa em nós, evocando emoções relacionadas às nossas próprias experiências. Ele nos toca porque muitos de nós vivenciamos situações semelhantes às narradas nos textos. Nos emociona, pois nossa sexualidade percorre caminhos íntimos e intrincados que só nós mesmos podemos compreender. Cada experiência é singular, alguns encontram apoio ao longo do caminho, outros não. Nossos corpos são avaliados antes mesmo de expressarmos nossas ideias. Ser gay no contexto geográfico também traz seus desafios. Portanto, é relevante refletir sobre quais corpos são considerados importantes para a análise das dimensões espaciais na ciência geográfica. Para nós, que estudamos as Geografias Feministas e das Sexualidades, entendemos que o espaço é produzido a partir dos corpos e de seus marcadores sociais. E para quem está "fora do campo"? Quais vidas são dignas de luto e pesar? Há uma seleção academicista sobre o que pode ou não ser objeto de pesquisa? Seremos reduzidos a estatísticas? São muitas perguntas, cujas respostas conhecemos ao resistir e persistir nesse campo. Toda vida humana é valiosa! Deixe-me esclarecer, nunca se tratou de pesquisar "a pinta na ponta do rabo do jacaré", mas sim de compreender as

Benhur Pinós da Costa, Carlos André Gayer Moreira, Diego Miranda Nunes, Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

relações humanas na contemporaneidade, influenciadas pela tecnologia, opressão, agressão, invisibilidade e marginalização. Como pesquisador, professor, gay e ativista, minhas pesquisas foram frequentemente alvo de tentativas de silenciamento. Por quê? Será que minha presença no campo das Geografias Feministas e das Sexualidades incomoda? Ou apenas o fato de ser um homem gay é suficiente para invalidar minhas contribuições? Acredito que ainda estamos em processo, fortalecendo-nos dia após dia, construindo momentos de debate, reflexão e solidariedade/acolhimento. Dito isso, este Dossiê também é uma homenagem ao querido colega, professor e pesquisador Robson Paim, que caminhou ao nosso lado. Ele será lembrado por nós e pela Geografia, não como uma mera estatística. Embora não tenha tido a oportunidade de participar deste momento do Dossiê, sua vida será eternizada em cada palavra escrita aqui. Sua vida merece luto e homenagens, e jamais será esquecida. Choramos por ele, choramos por tantos que tiveram suas vidas interrompidas. Robson, presente!

Diego Miranda Nunes

Aproximar-nos de nós mesmos pela pesquisa. Durante décadas, nossa formação geográfica permaneceu alheia à dimensão humana básica de gêneros/sexualidades e à inevitável transformação espacial que provocam. Não se pode falar de desconhecimento, afinal, os debates feministas – de onde nós, filhos proscritos queer (cuir) descendemos e autonomizamos-nos sem perder vínculos fundamentais de pensar e lutar – já estão estabelecidos há mais de 50 anos! Mesmo a particularidade, não tão particular, dos “estudos gays” já têm uma trajetória que não se pode ignorar, da filosofia à antropologia, da história à ciência política, da sociologia às humanidades. Então, porque nos recusamos, por tanto tempo (e ainda hoje), a enfrentar essas questões geograficamente? Como pesquisador e professor amazônico paraense, lembro de evitar esse debate pois, simplesmente, não tinha com quem dialogar, não porque não existem muitos gays na geografia paraense, têm aos montes, mas porque transformar o “ser bicha” em tema de escrutínio geográfico soava como ridículo, inconsequente, desnecessário, desimportante, “pavulagem”, inexistente. E, de fato, há um tipo de “ordem de prioridades” amazônicas que canalizam as energias de pesquisa e formação para temas nobres, bem estabelecidos, fundamentais, totalizantes. Evidentemente, tais prioridades podem ter um referente na realidade (o materialismo irrefletido é a taralimítrofe pelas bandas acadêmicas daqui), mas tem muito de geopolítica do imaginário, do que se deve tornar importante e o que se deve desconsiderar em absoluto. Há outras razões também – eu estava no armário – por isso Foucault era tão sisudo como pesquisador, a despeito de que ser homossexual fosse fundamental na elaboração de sua forma de ver o mundo – ele separava completamente o ato de pesquisa de sua vivência, nunca foi livre na academia, preso a um modelo quase sádico de ser intelectual e, no entanto, dizia aos íntimos que o local onde se sentia mais livre era numa sauna de São Francisco. A academia, o que se pesquisa, como, o porquê e por quem expressa uma geopolítica do imaginário científico contra o qual nos levantamos – uns antes,

Benhur Pinós da Costa, Carlos André Gayer Moreira, Diego Miranda Nunes, Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

outros, só agora – para decretar o fim de nossa inexistência como seres pensantes e que nosso pensar importa para compreender o espaço geográfico pluriescalar, atravessado por questões de gênero, diversidade sexual e corpos que ousam ser dissidentes. Falar como ser gay molda nossas trajetórias na ciência geográfica não é um capricho autocentrado, ou mesmo “o tema do momento”, é uma necessidade histórica renegada, um exercício de partilha do pensar-sentir, o questionamento silencioso que reverbera muito além do pessoal e, sabemos, o pessoal é político, ou melhor, geo-político. É contra o aprisionamento abismal do pensar dissidente que propomos a experimentação deste Dossiê, acolhido pela editora chefe da "Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero", Joseli Maria Silva, das vozes mais corajosas numa Geografia Acadêmica não só masculinista, mas emasculadora da diferencialidade. É uma inspiração e uma professora que transcendem a distância fria, bairrista e pretensiosa para nos permitir um abraço, em uma paisagem acadêmica tão carente de abraço. Os artigos que fazem parte deste Dossiê revelam a criatividade, o comprometimento ético, a diversidade temática, o cuidado epistêmico, a inventividade dialógico-metodológica, próprios do ato de ser o que somos. Sem medo, com orgulho de contribuir para outras geografias, não apenas marginais, mas utópicas. Este Dossiê também reverbera a memória do Prof. Dr. Robson Paim, cuja existência ousou o debate de Educação do Campo e Geografia e, por decidir ser o que é, pagou o preço mais alto, em uma sociedade onde a naturalização da homofobia pressiona nossos corpos em linhas de forma – verdadeiras coordenadas geográficas – que exigem repensar o sentido mesmo, eivado de masculinismo sectário, de ser Geógrafo.

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja